



CONEPE 2021

8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

de 22 a 26 de novembro de 2021



ISSN 2525-975X

Práticas Dialógicas e Processos de Participação: subsídios para a educação ambiental crítica

Letícia Carvalho da Silva^{1*}

¹Universidade Federal Fluminense

*leticia-carvalho-silva@id.uff.br

Resumo

Este escrito apresenta algumas reflexões sobre o modo como a participação atrelada às práticas dialógicas pode contribuir para o aprofundamento das questões socioambientais. Parte-se das experiências adquiridas durante o período de capacitação do projeto de extensão “Aonde foi parar o meu lixo?” vinculado ao Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais da Universidade Federal Fluminense. Verificou-se que as práticas dialógicas fundamentadas no modelo de comunicação horizontal possibilitaram a constituição dos participantes como sujeitos ativos e a apreensão da realidade como um processo contínuo de transformação, em que os aspectos ecológicos estão associados aos sociais. Assim, demonstra-se a necessidade de construir espaços favoráveis aos processos participativos, enfatizando a ruptura com a comunicação vertical e a formação de indivíduos cada vez mais conscientes dos seus papéis enquanto sujeitos sociais.

Palavras-chave: Diálogos, Educação Ambiental, Participação, Emancipação

1. Introdução

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, práticas participativas começam a se generalizar pelo país, trazendo consigo novas possibilidades de elaborar articulações políticas compostas pela expectativa de democratização da sociedade, conforme Lüchmann^[1], o que reforça a sua relação com a cidadania. No entanto, não basta apenas desenvolver, no âmbito teórico, os mecanismos que assegurem a participação cidadã. É necessário preparar os sujeitos, por meio da disseminação e troca de conhecimentos, informações e de experiências, para que eles se emancipem, tendo em vista que o uso de tais mecanismos requer um processo que envolve questões tanto objetivas quanto subjetivas. Contudo, diante do avanço do neoliberalismo, e, sobretudo, do conservadorismo, tem-se observado fortes ameaças ao modelo de participação desenvolvido a partir do processo de redemocratização do país.

No campo da educação ambiental crítica, a participação, segundo Jacobi^[2], configura-se como um elemento primordial de transformação das relações estabelecidas entre a sociedade e o ambiente. Além disso, a perspectiva crítica da educação ambiental propõe vincular os aspectos ecológicos aos sociais, executando intervenções dentro da realidade, tendo em vista que, como destaca Loureiro: “somos sínteses singulares de relações, unidade complexa que envolve a estrutura biológica, criação simbólica e ação transformadora da natureza”^[3]. Nesse contexto, variados modos de sistematizar ações coletivas e processos de aprendizagens tornam-se essenciais para a participação, sobretudo aquelas vinculadas a práticas dialógicas. Elaborar reflexões críticas, promover interações comunicativas entre distintos sujeitos sociais e problematizar as dinâmicas socioambientais postas na sociedade por meio do diálogo possibilitam o fortalecimento da consciência de questões atreladas à educação ambiental crítica.

Posto isto, este trabalho é resultado dos encontros de capacitação efetuados no projeto de extensão “Aonde foi parar o meu lixo?”, vinculado ao Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais da Universidade Federal Fluminense (NESA/UFF). Intenciona-se refletir



CONEPE 2021

8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

de 22 a 26 de novembro de 2021



ISSN 2525-975X

sobre como a participação associada a práticas dialógicas pode viabilizar novas formas de interpretar a realidade socioambiental. No decorrer das atividades de pesquisa realizadas no NESA, foram constatados relatos culpabilizadores e individualizantes entre a população sobre o descarte inadequado de resíduos sólidos. Verificou-se que tais relatos estavam dissociados de diferentes análises, tais como as influências inerentes ao atual sistema capitalista cujo foco é a mercantilização da vida e do ambiente, o estímulo ao consumo desenfreado e exacerbado de produtos, e a ausência dos serviços prestados pelo Estado, como saneamento básico e tratamento de resíduos sólidos. A partir de então, deu-se origem ao projeto de extensão “Aonde foi parar o meu lixo?” cuja finalidade é discutir e adentrar nos assuntos atrelados à Política Nacional de Resíduos Sólidos bem como aos direitos humanos, estabelecendo um contato contínuo com os moradores dos bairros onde as atividades estão sendo realizadas. Nesse caso, pretende-se colaborar com a formação e o fortalecimento de uma consciência crítica por meio da realização de leituras da relação dos indivíduos com o ambiente, do papel do Estado e das políticas públicas como um direito, sem reforçar a lógica hegemônica de culpabilização das classes populares face às questões ambientais.

O projeto possui uma parceria com a Associação Bem Faz Bem (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP) e está direcionado aos moradores e profissionais inseridos nos bairros de Goitacazes e Ururaí, ambos localizados no município de Campos dos Goytacazes/RJ. Esse projeto foi dividido em etapas, sendo elas: seleção de voluntários e alunos; capacitação em educação popular e educação ambiental crítica; planejamento e realização das oficinas; e encontros de avaliação. Sendo assim, o projeto se iniciou com a formação de um grupo composto por três profissionais ligados à Associação Bem Faz Bem e quatro estudantes do curso de Serviço Social da UFF. Finalizada esta etapa, foram realizados encontros de capacitação entre os meses de maio a julho de 2021 cujo foco se fixou nos conteúdos inseridos no livro “Caminhos e descaminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores”^[4] com o grupo formado na etapa anterior. Nesses encontros, foi estabelecida uma dinâmica horizontal de comunicação e ainda houve uma abertura de possibilidades para a troca de experiências e de contribuições sobre os temas tratados em cada reunião, facilitando a compreensão da realidade socioambiental e o fortalecimento dos envolvidos até aquele momento. Após a realização do período de capacitação, foi feita uma primeira avaliação geral do projeto. Atualmente, estão sendo realizadas as etapas de planejamento e de execução das oficinas com a população dos bairros de Goitacazes e Ururaí, em que está sendo possível dar continuidade à dinâmica coletiva e ao tipo de comunicação trabalhados na etapa passada.

2. Materiais e Métodos

2.1. Materiais

Este trabalho foi elaborado a partir de textos de alguns dos autores que compõem o livro “Caminhos e descaminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores”^[4], sendo eles: Jacobi^[2], Brandão^[5], Spazziani e Gonçalves^[6], Acselrad^[7], Leroy e Pacheco^[8]. Além disso, também foram consultadas outras bibliografias ligadas às temáticas de participação e educação ambiental crítica, cabendo destacar os autores Lüchmann^[1], Loureiro^[3], Dagnino^[9], Marchezini^[10] e Kozak^[11]. Utilizou-se ainda os dados obtidos da primeira avaliação do projeto de extensão realizada com a equipe que esteve presente nos



CONEPE 2021

8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

de 22 a 26 de novembro de 2021

ISSN 2525-975X

encontros de capacitação. Essa avaliação foi construída por meio de um formulário *online*, contendo 05 perguntas fechadas e 03 perguntas abertas.

2.2. Metodologia

Para elaborar este trabalho, realizou-se, inicialmente, uma revisão de toda bibliografia selecionada, dando ênfase àquela trabalhada nos encontros de capacitação. Posteriormente, foi feita a sistematização dos dados coletados após a execução da avaliação do projeto, armazenando-os em um modelo de apresentação virtual com o intuito de visualizá-los em conjunto. Esta primeira avaliação geral foi realizada com a equipe composta pelos 03 profissionais da Associação Bem Faz Bem e 04 estudantes do curso de serviço social da UFF do polo de Campos dos Goytacazes/RJ. Finalizado este processo, foi feita uma análise das informações obtidas. Procurou-se encadear o conteúdo teórico com a experiência relatada pelos participantes na primeira avaliação geral.

3. Resultados e Discussão

Constatou-se que as práticas dialógicas desenvolvidas durante o período de capacitação do projeto contribuíram para que os participantes visualizassem a realidade como um processo contínuo de transformação, e para a realização de leituras vinculadas ao contexto em que eles estão inseridos. A partir da comunicação horizontal desenvolvida, os participantes ainda realizaram trocas de suas experiências e saberes sobre as temáticas abordadas, proporcionando múltiplas contribuições tanto para cada sujeito envolvido quanto para o próprio projeto. Neste caso, a participação viabilizada pelo diálogo aberto favoreceu a criação de uma parceria no processo de ação educativa. Desse modo, os participantes deixam de serem meros receptores de informações, portanto espectadores, e se constituem como sujeitos ativos. Após a sistematização dos dados coletados com a primeira avaliação, no que se refere às perguntas abertas sobre os pontos positivos e negativos observados, um dos participantes apontou que: *“Um dos pontos interessantes, ao meu ver, foram os diálogos e debates realizados nos encontros. A capacitação se constituiu como um espaço de troca, e não somente de exposição de conteúdos. Esse, sem dúvidas, foi o grande diferencial”*. Já outro participante destacou que: *“A troca de informações/vivências entre participantes é muito enriquecedor, pois contribui com o aprendizado”*. E com relação ao ponto fraco, um dos integrantes relatou que: *“Nenhum! A capacitação foi muito enriquecedora, mesmo em um contexto atípico e complexo”*. Por sua vez, no que concerne aos dados relativos às perguntas fechadas, dentro da escala de 01 a 05, em que 01 é ruim e 05 é ótimo, verificou-se que cinco participantes avaliaram os encontros programados como 05 e dois participantes avaliaram como 04. No que tange ao tempo de duração e ao conteúdo da capacitação, um participante avaliou como 04, e os demais avaliaram como 05. E no que diz respeito ao tempo destinado à capacitação bem como ao formato da capacitação, todos os participantes atribuíram a nota 05.

Diante do exposto, apesar da atual conjuntura ultraneoliberal e da expansão do retrocesso para as diferentes esferas da sociedade brasileira, fundamentando-se em Jacobi ^[2], observa-se neste trabalho a ampliação do processo de construção democrática, em que há o fortalecimento das ideias de cidadania e participação, as quais são essenciais para a construção de novos padrões identitários no contexto social assim como da necessidade de novas ações coletivas e formas de aprendizagem fundamentadas no prisma emancipatório.



CONEPE 2021

8.º CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ENSINO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: O IMPACTO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

de 22 a 26 de novembro de 2021



ISSN 2525-975X

4. Conclusões

A partir dos encontros de capacitação realizados no projeto, verificou-se que a participação desenvolvida por meio das práticas dialógicas, sobretudo do modelo de diálogo horizontal, possibilitou aos participantes a compreensão e a elaboração de novas visões das relações que ocorrem no tempo e no espaço, constituindo caminhos alicerçados na dinâmica histórica-social. Desse modo, abrem-se possibilidades para a ampliação dos conhecimentos, principalmente das questões ambientais, e para a elaboração de soluções coletivas dos desafios experienciados pelos participantes nas suas localidades.

Sendo assim, compreende-se a importância de estabelecer articulações entre a universidade e a sociedade civil, e de desenvolver processos participativos por meio de espaços de debates e reflexões, cuja centralidade é a garantia de um ambiente no qual os sujeitos se sintam confortáveis para partilhar suas visões de mundo e seus modos de vida. Nessa perspectiva, se poderá romper com a lógica vertical de discurso, em que ocorre a formação do sujeito narrador, transmissor de informações, e do sujeito ouvinte passivo, apto a apenas repetir a informação depositada, sem produção de análise e reflexão crítica da realidade.

Agradecimentos

Universidade Federal Fluminense, Associação Bem Faz Bem.

Referências

- [1] LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. Os sentidos e desafios da participação. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 1, p. 19-26, jan. 2005.
- [2] JACOBI, Pedro. Participação. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 229-236.
- [3] LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. In: Soraia Silva de Mello. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental, 2007. p. 65-71.
- [4] FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.
- [5] BRANDÃO, Carlos Rodrigues. COMUNIDADES APRENDENTES. In: FERRARO Jr., L. A (org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 84-92.
- [6] SPAZZIANI, Maria de Lourdes; GONÇALVES, Marlene F. C.. Construção do Conhecimento. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 103-114.
- [7] ACSELRAD, Henri. Justiça Ambiental. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 217-228.
- [8] LEROY, Jean Pierre; PACHECO, Tania. Democracia. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 127-140.
- [9] DAGNINO, Evelina. ¿Sociedad civil, participación e ciudadanía: de que estamos falando? In: MATO, Daniel. **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela, 2004. p. 95-110.
- [10] MARCHEZINI, Victor. The power of localism during the long-term disaster recovery process. **Disaster Prevention And Management**, Emerald Publishing Limited, v. 28, n. 1, p. 143-152, jan. 2019.
- [11] KOZAK, Daniel. John F.C. Turner and the debate on popular participation in the production of habitat in Latin America in the architectural-urban culture, 1961-1976. **Revista Urbana**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 49-68, dez.